



LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA EXPERIÊNCIA NA MODALIDADE EJA

Ayse Pricilla Brito Dias e Silva

Universidade Estadual da Paraíba

ayse.pricilla@gmail.com

Resumo: Diante do quadro de resistência e insucesso das práticas de leitura que permeiam as salas de aula da Educação Básica em nosso país, e que já sinaliza alerta em pesquisas internacionais, este artigo tem como principal objetivo apresentar uma reflexão a cerca das práticas de leitura e letramento literário propostas em aulas de Língua Portuguesa numa turma de modalidade EJA, especificamente ao ciclo IV – que corresponde ao 6º, 7º e 8º ano do ensino Fundamental II, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Solon de Lucena em Campina Grande – PB, ministradas por mim e mais três alunas do Estágio Supervisionado II, do curso de Letras – Português da UEPB. O trabalho justifica-se por admitir a relevância da autoavaliação do professor, das metodologias de ensino desenvolvidas e da postura enquanto profissional diante da execução de suas práticas, que garantam através de reflexões e avaliações a melhoria e o aperfeiçoamento do ensino de literatura. Para tanto, trago para a discussão as contribuições teóricas de Paiva (2007) e Rouxel (2013) que abordam aspectos metodológicos relevantes ao ensino de literatura, Souza e Cosson (2011) que afirmam a importância da escolarização do letramento literário, e ainda Eiterer e Abreu (2009) que discutem sobre a importância do letramento literário na Modalidade de ensino EJA.

Palavras-chave: Letramento literário. EJA. Leitura literária. Ensino Básico.

INTRODUÇÃO

O direito ao acesso a educação por jovens e Adultos que não concluíram seus estudos em tempo regular em nosso país é uma garantia recente, pelo menos quando se fala em uma educação efetiva garantida por lei (Art. 208 da Nova Constituição brasileira de 1988). Mesmo recente, a atuação dessa modalidade (EJA) do Ensino Básico já possibilitou várias pesquisas voltadas para as especificidades dos objetivos do ensino de leitura peculiar desse contexto educacional. Um contexto marcado por uma diversidade de alunos que compõem, quase



sempre, salas de aulas tão mistas, seja por diferença de idade, nível de conhecimento, dificuldades de aprendizagem, razões diversas que lhes fazem retornar ao ambiente escolar com o propósito de adquirir o conhecimento institucionalizado.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma reflexão teórica e de vivência a respeito das práticas metodológicas do ensino de leitura literária no Ensino Básico (especificamente no ensino fundamental II da modalidade EJA) que buscam através da literatura proporcionar um ensino voltado para o Letramento Literário. Ou seja, escolhas metodológicas que prezam a leitura literária como oportunidade de formação identitária do sujeito leitor, e não apenas como pretexto para a aprendizagem do código linguístico.

A hipótese que motivou esta pesquisa foi a de quê para que os objetivos dos projetos de Letramento literário sejam alcançados e que de fato o uso da Literatura em sala de aula tenha essa finalidade, o professor tem um papel fundamental no que diz respeito à garantia deste ensino, quando assumi o caráter pesquisador reflexivo. No entanto, esta pesquisa justifica-se por admitir a relevância da autoavaliação do professor, das metodologias de ensino desenvolvidas e da postura enquanto profissional diante da execução de suas práticas, que garantam através de reflexões e avaliações a melhoria e o aperfeiçoamento do ensino de Literatura.

METODOLOGIA

Em razão do objetivo principal optamos pela revisão bibliográfica como metodologia científica desta pesquisa. Visto que, segundo SEVERINO (2007) é a pesquisa feita com base em textos de pesquisas anteriores, bem como:

Utiliza-se de dados ou categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Com a finalidade de confrontar teoria e prática para uma reflexão dos seus resultados em sala de aula, foram admitidas as contribuições teóricas de autores que tratam dos aspectos relevantes para o planejamento e desenvolvimento dos procedimentos escolares que visam o Letramento literário. Especificamente, aspectos metodológicos do ensino de literatura, a escolarização do Letramento literário e o Letramento literário no Ensino de Jovens e Adultos.

O corpus desta pesquisa é constituído por textos teóricos nas temáticas de leitura e letramento literário, além de registros pessoais do plano de aula, sequência didática e anotações do desenvolvimento das aulas do Estágio Supervisionado supracitado.



A ESCOLARIZAÇÃO DO LETRAMENTO LITERÁRIO E O PAPEL DO PROFESSOR

A relevância da leitura em nossa sociedade, no que tange à prática de cultura e o seu uso social é sempre bem aceita, a medida que, podemos compreendê-la como a competência cultural mais exercida desde os primórdios de nossa literatura, bem como, seu valor em uma infinidade de outras situações essenciais desde o nosso nascimento até a morte, e é nesse intervalo que percebemos a importância do uso da leitura e escrita que fazemos em nossa sociedade.

Apesar do reconhecimento da importância da leitura em nossa sociedade, índices de pesquisas vêm mostrando um quadro de resistência a certas leituras, principalmente as que fazem parte do universo escolar de milhares de Jovens do Brasil. Pádua Silva (2016) faz um importante relato quanto “a crise de leitura instaurada no Brasil”. Apresenta uma tese a respeito do conceito de Literatura adotado pelo sistema de ensino, que distancia e dificulta a realização dos projetos de leitura e que possivelmente estão acarretando nesta crise de leitura, e lança “a noção de *escritas* como modo de abordagem do texto em sala de aula.”. E sugere uma visão mais atualizada:

[...] um modo diferente de perceber a atividade de leitura, sobretudo, a Literária, e acomoda a frequência e necessidade leitoras dos alunos em um mesmo ritmo e paradigma em que se joga, atua sem as distinções dos gêneros, das formas, dos discursos, mas possibilita-se o diverso, a dialogia e o respeito aos gostos, aos estilos, às necessidades de cada leitor. (SILVA, 2016, p. 19)

Fica claro a necessidade de revisão das estratégias de ensino de leitura, e a responsabilidade do fazer docente quanto a isso. O professor quando opta por um projeto de Letramento, especificamente, o Literário, deve admitir toda uma história de insucessos frente às práticas de leituras desenvolvidas anteriormente e que de certa forma contribuíram para o quadro de resistência que encontramos atualmente. Assumir um caráter reflexivo e estar disposto a investir em novas práticas, novos conceitos:

Encontrar um modo de atingir ou atender essa demanda reprimida, por assim dizer, poderia (deveria) ser um trabalho docente compromissado não com a Literatura e seu ensino, mas com a construção e desenvolvimento de habilidades leitoras desses alunos através das várias *escritas*, só assim o trabalho professoral teria mais sustentação teórica e metodológica [...] (SILVA, 2016, p. 101)

Outro fator que merece atenção nos projetos de leitura é quando priorizamos o ensino de leitura literária que visa além das habilidades leitoras à



formação de um alunado de consciência crítica e criativa, depositando-lhes autonomia para saber agir ativamente na sociedade.

Um processo importante para a institucionalização do Letramento literário que devemos estar atentos quando decidimos utilizar textos literários é observar e optar por um ensino que se distancie das perspectivas tradicionalistas deste – que diminuem o texto literário a pretexto de conteúdos meramente gramaticais,

A leitura e o estudo dos textos literários é, em sala de aula, outra instância da escolarização. Não podemos negar que essa escolarização pode acontecer de maneira inadequada quando a escola utiliza um texto literário, deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em pedagógico. Para se evitar esta inadequação, alguns cuidados devem ser tomados, tais como privilegiar o texto literário e prestar atenção ao escolher um texto do livro didático, pois esse pode estar fragmentado, além do mais já se trata da transposição de um suporte para o outro. (COSSON; SOUZA, 2011, p.103)

Bem sabemos que enquanto atuais ou futuros profissionais do ensino de Língua portuguesa devemos nos preocupar com a qualidade do ensino/aprendizagem de Literatura, porque apesar de uma frequência de leitura de textos literários, ainda que em ambientes escolares, não podemos garantir que estas leituras, sem uma devida intervenção/orientação escolar no papel do professor, garantam um letramento literário. Visto que:

[...] o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar. (COSSON; SOUZA, 2011, p.102)

Sendo assim, é essencial que a prática de leitura literária no ambiente escolar seja concebida através de textos e práticas de leitura voltadas para uma confluência de fatores que direcionem os leitores a uma aquisição de conhecimento, pelo texto literário, que os formem letrados à aspectos sociais na construção de sentido do meio. E para isso, creio que a escolha dos textos a serem abordados em sala de aula dar-se desde a compreensão de mundo que estes possam oferecer aos indivíduos leitores, inseridos em suas realidades sociais, quanto à formação da subjetividade dos mesmos.

A LEITURA LITERÁRIA COMO PRÁTICA DE LETRAMENTO NA EJA

É interessante que façamos certas observações a respeito do ensino de literatura no currículo da educação de jovens e Adultos. Segundo Paiva (2007, P.119), não podemos

aceitar “que haja supremacia entre um modo de leitura privilegiado pelas classes dominantes em relação à que fazem as classes populares.”, tendo em vista essa disparidade atentemos para o fato de que diversos tipos de leitura devem ser admitidos em diferentes esferas sociais.

Fica, no entanto, como papel do professor, de escola pública especificamente, a função de democratizar o acesso e a interação a esses materiais por parte dos alunos, objetivando; ainda segundo a autora, “produzir situações e estratégias de aprendizado que valorizem esses conhecimentos de classe social, os saberes de mundo, os sentidos que os sujeitos lhes atribuem.” (PAIVA, 2007, p.120).

As autoras Carmem Lucia Eiterer e Juliana Valéria de Abreu (2009) chamam atenção para uma importante condição do aluno jovem e/ou adulto que desprovido de efetivar seus estudos em tempo regular voltam para a sala de aula com traumas do ensino anterior que dificultam sua aproximação e desenvoltura diante do que lhes é posto:

Se na modalidade “regular” de ensino o trabalho que é feito na escolarização da literatura produz por vezes efeitos danosos e mesmo permanentes na convivência entre o leitor e o livro literário, na EJA estes efeitos são ainda mais drásticos. A memória do sofrimento anterior é um obstáculo a mais, que mantém o aluno adulto longe deste objeto na sua volta para a escola. (EITERER; ABREU, 2009, p. 155)

Contudo, relata-nos uma relevante experiência de prática de leitura literária desenvolvidas com esses mesmos sujeitos. Escolhas metodológicas que influenciaram de maneira positiva a aproximação e o gosto pela leitura de textos literários:

A proposta então, tomou forma, ler sem compromisso com notas ou cobranças quanto à interpretação, ou compromisso com uma leitura perfeita; pretendia-se ler buscando o prazer que o texto literário pode despertar, ler pela arte de um texto bem escrito, ler porque enriquece nosso repertório, “abre nossa mente” para outras perspectivas e assim aprendemos a lidar melhor com nosso próprio cotidiano. (EITERER; ABREU, 2009, p. 157)

Apesar dessa leitura descompromissada de cobranças, um investimento na leitura por prazer, é perceptível um posicionamento em relação às escolhas dos textos quanto à substancialidade destes por parte dos mentores do projeto de leitura. Escolhas que objetivam o que se entende por Letramento literário:

[...] optamos pela leitura de um texto de um autor contemporâneo, que falasse a linguagem dos nossos leitores, para que a leitura fosse agradável e acessível, dialogando com esses leitores e suas experiências de vida. (EITERER; ABREU, 2009, p. 157)

Posicionamento metodológico que conflui com as ideias de PAIVA (2007, p.123):



A vivência singular com a obra, sem cobranças posteriores, visa ao enriquecimento pessoal do leitor, ao mesmo tempo que a leitura se coloca como uma descoberta do mundo, procedida pela hierarquização e experiência individual [...].

Corroborando ainda com a visão do Letramento literário proposto por Rildo Cosson e Renata Souza (2009), quando afirmam que:

[...] o letramento literário é bem mais do que uma habilidade pronta e acabada de ler textos literários, pois requer uma atualização permanente do leitor em relação ao universo literário. Também não é apenas um saber que se adquire sobre a literatura ou os textos literários, mas sim uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço. (COSSON; SOUZA, 2011, p.103)

A METODIZAÇÃO DO ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA

Enquanto profissionais da educação, devemos organizar um currículo que propicie ao aluno fazer uso dos conhecimentos já adquiridos através de sua prática leitora, introduzindo materiais variados para que haja uma organização dos saberes e conseqüentemente a produção de novos conhecimentos “construindo e representando a própria história de leituras de seus pares” (PAIVA, 2007, P.121).

Fazer a escolha desse material de maneira participativa, através da sondagem dos interesses dos alunos, de suas dificuldades de leitura, do conhecimento já adquirido, dos suportes tecnológicos disponíveis na escola, e do meio social em que esses alunos estão inseridos, como também assuntos recorrentes do cotidiano da comunidade escolar, com a finalidade de aproximar o objeto à realidade destes; inclusive na escolha da temática do material didático a ser produzido/utilizado, nos garantirá boa parte do sucesso no desempenho de nossas funções quanto à inserção do texto literário em sala de aula, bem como a inclusão de outros saberes.

Portanto, no que concerni à escolha dos textos para o ensino de literatura, o professor precisa definir a objetividade desse ensino. Para tanto, concordamos com o que diz a autora:

É a formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção – que é vista aqui. É também, obviamente, a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra. (ROUXEL, 2013, P.20)

Mesmo diante de uma realidade complicada do ensino de literatura na Educação de



Jovens e Adultos como a que enfrentamos atualmente, não podemos nos acomodar e negar de certa forma o acesso a um ensino de qualidade, preocupado com a formação cultural dos sujeitos. Não fazer uso da literatura em sala de aula como estamos acostumados a ver, dentro de uma perspectiva tradicionalista que exerce meramente funções gramaticais com as obras literárias e muitas das vezes, se não todas, com textos fragmentados, distantes de seu sentido e significados reais, já é um passo importante.

Anne Rouxel (2013) revela aspectos relevantes que devem orientar o ensino da Literatura em sala de aula. São estes: “saberes sobre os textos, saberes sobre si e saberes sobre a própria atividade lexical”. Quanto aos saberes sobre os textos, implica perceber que os alunos dispõem de certo conhecimento a respeito destes, adquiridos a partir de suas experiências de leitura. O que daria margem para trabalharmos questões menos simplórias nos textos. Aos saberes sobre si, aponta-nos a necessidade da formação da subjetividade dos alunos através da leitura depositando-lhes confiança, para que façam uso racional de seus próprios pensamentos,

Na primeira etapa do ensino fundamental, os alunos sempre revelam abertamente seus pensamentos e suas emoções, e o professor deve frequentemente lembrar a eles a necessidade de voltar ao texto. Na etapa seguinte, em contrapartida, os adolescentes resistem a revelar aquilo que consideram sua intimidade. (ROUXEL, 2013, P.21)

Por fim à aquisição de saberes lexicais, que conduzem o leitor a interpretação dos textos tendo em vista o autodomínio, como diz Catherine Tauveron, dos “direitos do texto” e “direitos do leitor” (TAUVERON, 2004, apud ROUXEL, 2013, p.22). De modo que, assim como devemos estimular a leitura subjetiva, façamos uma orientação a fim de evitar-lhes uma subjetividade sem controle, fazendo da sala de aula o lugar mediador dessa tensão entre textos e leitores:

A sala de aula representa assim o papel de regulador. Ela é o espaço intersubjetivo onde se confrontam os diversos “textos de leitores”, a fim de estabelecer o texto do grupo, objeto se não de uma negociação, ao menos de um consenso. (ROUXEL, 2013, p.23)

EXPLANAÇÃO DA VIVÊNCIA DOCENTE NO ESTÁGIO

As aulas práticas do Estágio Supervisionado, muitas das vezes, é o primeiro contato que os professores em formação tem com a prática do ensino em sala de aula, assim como, em muitos casos, a única oportunidade de atuar como professor durante sua formação. Esse foi o



caso das estagiárias que desenvolveram a ação pedagógica que possibilitou esta pesquisa.

Esta realidade suscitou o interesse de desenvolver nas aulas do Estágio o caráter pesquisador do profissional de ensino, oportunizando a reflexão das práticas metodológicas. Nesta perspectiva, planejamos nossa ação pedagógica baseada nas teorias pedagógicas e didáticas que contemplamos durante nossa formação acadêmica.

Outro fator relevante para a organização do material didático e das estratégias da ação docente que desenvolveríamos foram as orientações das professoras do Estágio Supervisionado, que refletiam conosco sobre as metas que queríamos atingir, e conjuntamente ajustávamos os procedimentos ao material selecionado para as aulas, isso tudo ainda na fase de preparação do plano de aula, da sequência didática e do módulo didático, como dito anteriormente, esse momento de orientação é de suma importância para o professor em formação, visto que, é, na maioria das vezes o primeiro contato que estes tem com esse processo de preparação e desenvolvimento das aulas práticas, é o momento em que de fato irão exercer a prática a partir da teoria.

A falta de experiência docente deixou-nos um tanto inseguras ao agir profissional, fazendo-nos compreender e objetivar às aulas do Estágio o momento oportuno para adquirirmos algumas competências profissionais, além de refletir sobre teoria-prática. Perceber o papel do professor diante das situações que se apresentam durante as vivências, foi certamente a maior aprendizagem que pudemos obter.

O primeiro passo foi conhecer a turma a qual lecionaríamos, uma turma de modalidade EJA, ciclo IV, no período noturno, da Escola Estadual Solon de Lucena, em Campina Grande. Identificamos que era uma turma de Jovens e Adultos com idades não muito díspares, porém, com as particularidades características das turmas que compõem essa modalidade. Também dedicamos um tempo à ouvir a professora titular dessa turma, e colhemos o máximo de informações possíveis a respeito de sua metodologia, dos conteúdos ministrados, das particularidades dos alunos quanto a interação/participação destes nas aulas, que poderiam nos auxiliar no nosso planejamento didático. Em seguida fomos conhecer e nos informar sobre os suportes tecnológicos disponíveis na escola, os ambientes que poderíamos utilizar, os materiais escolares a nossa disposição, enfim, conhecer o espaço escolar ao qual pretendíamos contribuir de certa forma com nossa ação docente. Todos esses aspectos observados influenciaram sobre modo nosso trabalho pedagógico.

Ainda no primeiro contato com a turma foi aplicado um questionário de sondagem aos alunos, para indaga-los sobre seus interesses de leituras, tanto em relação à temática, quanto



ao gênero que gostaríamos que trabalhássemos, além de questões que oportunizavam um diálogo sobre suas expectativas quanto às aulas de leitura. Esse momento também foi utilizado para criarmos um vínculo com a turma e explicarmos os objetivos dos encontros que teríamos posteriormente.

A partir de então, com a orientação das professoras do Estágio elaboramos o módulo didático e definimos nossas estratégias de ensino. Até esse momento não houve problemáticas significativas que mereçam atenção. De fato, o período que mais apresentou-nos situações as quais precisamos desenvolver habilidades e competências foi no decorrer das aulas. Situações diversas, desde a inconstância da frequência dos alunos, motivo pelo qual tivemos que saber ajustar a sequência das aulas planejadas diversas vezes. Sobre esse aspecto revelou-se a necessidade de o professor assumir o caráter reflexivo, visto que, o fator frequência, em aulas noturnas, e em turmas de Jovens e Adultos está relacionado a diversos fatores que devem ser levados em consideração, o fator climático, por exemplo, foi um deles, as aulas ocorreram em um período bastante chuvoso em Campina Grande – PB, e consideramos o fato de que muitos alunos moravam longe da escola e a maioria ia para a escola a pé, o que dificultava a chegada desses à escola.

Passadas essas etapas partimos para a elaboração do material didático que utilizaríamos nas aulas e os meios pelos quais os desenvolveríamos, foram definidas algumas estratégias. Analisamos os questionários e fizemos um apanhado quantitativo para definirmos a temática e os gêneros mais optados, a partir de então começamos a selecionar os textos de forma que atendessem as expectativas dos alunos e que contemplassem os objetivos que os manuais teóricos apresentavam a respeito de leitura literária, que contribuíssem para o Letramento literário e que possibilitassem o desenvolvimento das metodologias do ensino na Educação de Jovens e Adultos.

A temática abordada foi a “Violência contra a mulher”, o gênero textual literário escolhido foi o Conto, escolhemos dois Contos – “Para que ninguém a quisesse” de Marina Colasanti, e “Maria” de Conceição Evaristo – com a temática de violência contra a mulher, cada um abordando diversos tipos de violências, como a violência física, psicológica, moral, racial, preconceito de gênero. Escolhemos esse gênero primeiramente por conta dos alunos que optaram por este, dentre outros, e ainda pelo fato de ser um texto não muito extenso, o que facilitaria a leitura integral deste em sala de aula, visto que tínhamos que um tempo também curto, e pretendíamos realizar a primeira leitura em voz baixa, feita por cada aluno, depois a leitura em voz alta com a participação de voluntária destes.



Na primeira leitura ficou observado um pouco de resistência por partes dos alunos em realizar a leitura em voz alta e expor as inferências individuais, mas, depois de alguns debates, os alunos foram se soltando e percebíamos cada vez mais o interesse pela leitura, chagamos a ler o mesmo texto várias vezes na mesma aula, cada um queria ler um trecho e participar comentando sobre o texto e sobre situações pessoais. Nesses momentos percebíamos o quanto que o direcionamento e a maneira como o professor conduz as aulas de leitura irão significar positivamente na sua finalidade. Os resultados eram tão positivos que devido à baixa frequência dos alunos em algumas aulas por conta dos motivos já citados, rolavam comentários dos poucos alunos que se faziam presentes nas primeiras aulas nos dias seguintes, e foi solicitado pelos alunos faltantes por duas vezes que se possível repetíssemos aulas perdidas das leituras dos textos porque sentiam o desejo de participar. Evidenciando que há o desejo pela leitura por prazer, como forma de se expressar, de se sentir ator de suas próprias histórias, como também adquirir conhecimentos a partir da leitura sem cobranças, sem a finalidade bestial de decodificar, identificar e transcrever partes do texto que não levam a nenhuma compreensão válida, como fazem os manuais de leitura dos livros didáticos que os alunos estão ou foram acometidos ao longo dos anos escolares, o ensino tradicionalista de abordar textos literários em sala de aula.

O conteúdo dos textos foi de suma importância para o direcionamento dos debates, a partir deles, surgiram necessidades e interesses por parte dos alunos, que julgamos relevantes devido o ganho pedagógico que teríamos, em aprofundarmos o conhecimento, foi então apresentada e discutida a Lei Maria da Penha- Lei 11.340/06, sobre os diversos tipos de ações contra a mulher que caracterizam violência, e ficou evidente como a prática de leitura proporciona um ambiente favorável a formação de um sujeito crítico e sensível ao seu posicionamento em relação ao outro e a sociedade.

Toda essa explanação para exemplificar a importância da atitude do professor diante de situações que colocam em “xeque” os objetivos do ensino que esse pretende alcançar. Objetivávamos com as aulas de leitura literária alcançar algo muito além de desenvolver-lhes apenas as competências leitoras, pretendíamos desenvolver, através dos momentos de leitura e diálogo sobre os textos, a criticidade sobre os aspectos relevantes suscitados pelos textos, desenvolver-lhes a autonomia de ler um texto e fazer inferências que os conduzirão a interpretação e compreensão destes.

Observamos que durante as discussões sobre os textos os alunos participavam ativamente, comentando sobre a temática, sobre o enredo das histórias, alguns apresentaram



situações semelhantes, pessoais ou de terceiros próximos que possivelmente contribuíssem para a compreensão texto-leitor, houve debates sobre o ponto de vista de cada aluno a respeito do assunto, e pudemos perceber o quanto que a prática de leitura em sala de aula, mediada, tem o poder transformador de causar nos leitores um questionamento positivo a cerca dos fatores sociais que circundam o meio em que estão inseridos. A leitura literária atingindo a finalidade de um projeto de Letramento literário.

Por fim, mas não menos relevante, salientamos o papel do docente no planejamento e execução das ações de um projeto de Letramento literário. Como dito anteriormente, os problemas que enfrentamos não foram de ordem didática; o que evidencia que um projeto didático de Letramento literário apoiado nas teorias didáticas que foram utilizadas - e que são citadas no princípio deste artigo - é possivelmente capaz de atingir os objetivos necessários do ensino de leitura. E que está na pessoa do professor o poder de optar por um ensino efetivo, bem como, se dedicar a pesquisar e desenvolver ações que garantam a melhoria deste ensino executando suas atividades profissionais com responsabilidade e compromisso, compreendendo as particularidades da turma e de cada situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos então compreender a prática de leitura na escola como o fundamento para o sucesso dessas construções de pensamentos, de ideologias e de expressões tão individuais que nossos alunos adquirem.

A escola deve ser o ambiente responsável por fornecer ao aluno oportunidades de aproximá-lo de diversos textos, autores e, sobretudo, de sua própria imaginação e deve, na pessoa do professor, conduzir o aluno à análise do texto e à explicitação de sua compreensão e interpretação, através do diálogo/debate em sala.

A utilização de textos literários em sala de aula, sobretudo do Ensino de Jovens e Adultos, deve ser a priori uma forma de estimular o hábito de leitura por prazer, por busca de conhecimento e conseqüentemente habilidades leitoras e cognitivas que os permita também uma escrita organizada. Fica assim entendida a necessidade de se escolher textos que colaborem com a ação de leitura social, interativa e que possuam conteúdos substanciais que favoreçam a formação de subjetividade dos alunos. E para isso o uso do texto literário, produzindo significados, sentidos, crítica e criação.

A escolha de textos e obras, assim como a ação do professor em relação a estes, determinará a execução de um trabalho que colaborará para a aquisição de saberes na



construção de sentidos que se distancia da perspectiva convencional e imutável a ser transmitida, embora seja-nos a tarefa mais complexa e difícil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988. **Art. 208**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm> Acessado em 24/07/2017.

COLASANTI, Marina. **Para que ninguém a quisesse**. Disponível em <<http://nalva-mileumafaces.blogspot.com.br/2013/02/para-que-ninguem-quisesse.html>>. Acessado em: 15/03/2016.

COSSON, Rildo; SOUZA, Renata Junqueira. **Letramento Literário: uma proposta para a sala de aula**. 7p. 2011. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>> Acessado em: 03/07/2017.

EITERER, Carmem Lucia; ABREU, Juliana Valéria de. **O Letramento literário e a Educação de Jovens e Adultos**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 9, n. 26, p. 149-160, jan./abr. 2009. Disponível em: <www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&ddd1=2588> Acessado em: 03/07/2017. ISSN 1518-3483.

EVARISTO, Conceição. Maria. In:_____. **Olhos d'água**. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional. 1.ed. Rio de Janeiro, 2014.

PAIVA, Jane. Literatura e Neoleitores Jovens e Adultos – Encontros possíveis no currículo? In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces – O jogo do livro**. Belo Horizonte: Autentica/CEALE/FaE/UFMG, 2007, p.111-126.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Tradução de Neide Luiza de Rezende. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. P.17-33.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **O ensino da literatura hoje: da crise do conceito à noção de escritas**. Campina Grande: EDEPB, 2016.

LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>. Acessado em: 15/03/2016.